TL 132972

Ocupação da Indonésia

INTRODUÇÃO

O povo de Timor Leste continua a sofrer uma grande repressão: cerca de metade da população já foi aniquilada pelos invasores indonésios, com a finalidade de os submeter ao seu jugo.

Com tamanha violência conseguiram apenas aumentar a sua resistência.

Mesmo sem apoios do exterior, este povo conseguiu tirar de si próprio energias suficientes para resistir ao ocupante.

Organizações indonésias de Direitos Humanos, os bispos católicos e alguns militares reconheceram essa realidade. O governo indonésio continua a impôr a força gerando um aumento da resistência que dura há 18 anos.

O povo indonésio também tem sido afectado por esta guerra, tendo como consequências: soldados mortos, despesas militares, foi gasta uma fatia grande de dinheiro que faz falta aos planos de desenvolvimento da própria Indonésia, não faltando a censura dos outros países e as represálias que daí poderão advir.

Para sair deste impasse, para o bem dos dois povos a solução é a paz que respeite os direitos de todos. Porque Timor tem necessidade de se afirmar como um país autodeterminado e independente.

Os indonésios têm jogado todos estes anos com a arma do silêncio, conseguindo com isso ceifar milhares de vidas, deixando Timor Leste totalmente à sua mercê.

Há que juntar esforços levando este problema para ser debatido nas Nações Unidas, impondo assim um ponto final a este genocídio.

Depois do 25 de Abril de 1974 os portugueses começaram a dar independência às suas antigas colónias, porém, em Timor surgiu uma dificuldade: a Indonésia só admitiu duas soluções para este território: "A união com a Indonésia ou a continuação da presença portuguesa", foram palavras do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Jakarta, Adam Malik, que o afirmou em 13 de Dezembro de 1974.

O primeiro partido a aparecer foi a UDT (União Democrática Timorense) e o que cresceu mais rápidamente. Os seus dirigentes eram funcionários públicos ou proprietários, pessoas favoráveis à manutenção do "Statu quo" e dos laços com Portugal.

A FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente) que tinha começado por chamar-se ASDT (Associação Social Democrata Timorense), reclama a independência, a participação dos timorenses na administração e o fim da discriminação racial.

A APODETI (Associação Popular Democrática Timorense) pretende uma associação com a Indonésia, como província autónoma, mas só o chefe local aderiu a esta associação.

O Kota e o Partido Trabalhista foram partidos que nunca tiveram muitos representantes.

Apenas dois partidos tiveram aceitação significativa: a UDT e a FRETILIN que suplantou a primeira devido às campanhas de alfabetização e ao ensino de técnicas agrícolas, o que a fez progredir rápidamente, mesmo nas vilas onde a UDT não tinha chegado.

Foi notório o peso que a Indonésia exerceu sobre os timorenses principalmente durante o ano e meio em que se efectuou a queda da ditadura portuguesa e a invasão indonésia.

Tomando consciência do poder deste potente vizinho, os dirigentes dos três partidos começaram a estabelecer contactos com Jakarta.

Adam Malik dois meses depois do 25 de Abril de 1974 admitiu a hipótese de Timor Leste se tornar independente.

Mas no verão de 1974 o presidente indonésio Suharto e o Primeiro Ministro australiano reuniram-se em Townsville e encaram a possibilidade da Indonésia anexar Timor.

No mês de Setembro Mário Soares, na altura Ministro dos Negócios Estrangeiros, afirma na ONU o direito à autodeterminação e independência de todas as ex-colónias portuguesas.

O General Murtopo visita Lisboa em Outubro e afirma que Timor só poderá ser português ou indonésio, não tendo qualquer contradição pela parte das autoridades portuguesas.

No mês de Janeiro de 1975 a UDT constata que a maior parte da população apoia a independência, adere a esta ideia e alia-se à FRETILIN para fazer frente à anexação de Timor por parte da Indonésia. Esta decide lançar uma campanha anti-comunista para dividir os timorenses, dizendo que a FRETILIN e a UDT são comunistas, recebendo apoio de Portugal.

Em Março de 1975 reuniram-se secretamente em Londres portugueses e indonésios onde é discutida a livre vontade de Timor mas é difícil saber o que realmente pretendem: travar a Indonésia ou salvar as aparências perante o mundo.

A UDT rompe a coligação com a FRETILIN em 27 de Maio de 1975.

As primeiras eleições para os orgãos de poder local realizaram-se em Julho, tendo estrangeiros como observadores.

O Concelho de Lautem foi o primeiro escolhido para experimentar a democracia. A APODETI só tem um eleito, uma prova de que a população regeita a integração na Indonésia.

Em Agosto de 1975 a UDT com a convivência do chefe da polícia portuguesa realiza um golpe que lhe permite controlar os principais pontos de Dili e apoderar-se das armas da polícia.

O governador militar português não consegue restabelecer a sua autoridade e retira-se, deixando a maioria dos militares timorenses juntar-se à FRETILIN. Esta domina a situação apoiando-se na população e nos militares que se lhe juntaram, conseguindo em pouco tempo reconquistar o domínio completo do território.

Alguns partidários da UDT refugiaram-se em Timor Ocidental, onde a maoir parte é desarmada. A chegada destes refugiados dá aos indonésios um alibi para intensificar as suas acções desestabilizadoras em Timor Leste, embora fossem indonésias as tropas envolvidas, a Indonésia afirmou que se tratava de refugiados ajudados por voluntários indonésios que o governo de Jakarta não conseguia controlar.

Os dirigentes da UDT refugiados em Timor Ocidental são obrigados pela Indonésia a constituir com a APODETI, o Kota e o Partido Trabalhista uma coligação com o nome de Movimento Anti-Comunista. Sendo o verdadeiro interveniente o próprio governo indonésio. Começa por bombardear os Concelhos de Maliana e Balibo.

Em Outubro, são mortos cinco jornalistas da televisão australiana que estavam presentes em Maliana para registar imagens do envolvimento indonésio. Em Novembro a Marinha de Guerra bombardeia Atabae e seus arredores, enquanto a FRETILIN proclama a independência.

Os partidos refugiados na Indonésia que constituiram o Movimento Anti-Comunista pronunciaram-se pela integração.

Em Dezembro o Presidente Ford e Henry Kissinger visitam Jakarta e dão o seu acordo à invasão de Timor.

Assim começaria uma das guerras mais mortíferas do mundo de hoje: a invasão e ocupação de Timor Leste pela Indonésia causou uma grande carnificina.

Foi no dia 7 de Dezembro de 1975 que se deu o ataque a Dili, foi considerado o dia da invasão. Apesar dos meios bélicos que a Indonésia utilizou, afirmou que o ataque não tinha sido feito pelas suas tropas mas por voluntários favoráveis à sua integração, não podendo impedi-los de actuar.

Uma testemunha ocular afirmou que os pára-quedistas mataram a tiro mulheres que levantavam os braços e obrigaram pessoas que estavam perto de uma igreja a entrar nela.

Perante a violência do ataque indonésio a maior parte da população abandona as vilas e refugia-se nas montanhas sob a protecção da FRETILIN.

Ao não conseguirem vencer a resistência organizada nas montanhas, os indonésios começaram a utilizar outra táctica, através dos bombardeamentos destroem todas as formas de vida nas regiões que não conseguem dominar. Ao mesmo tempo, os militares indonésios provocam a destruição das culturas utilizando bombas de napalm com o fim de obrigar o povo a descer para as zonas ocupadas.

Os bombardeamentos, a fome e as doenças obrigaram a população a entregar-se, o que nem sempre lhe permite escapar à morte.

As populações que se renderam aos indonésios são encaminhadas para campos controlados, que mais se parecem com campos de concentração.

Os diplomatas lançam um grito de alarme: mais de 100.000 pessoas encontram-se num estado de inanição completa.

Em fins de 1980 os ocupantes controlavam fisicamente a população mas não a sua vontade. Para o conseguir as forças indonésias começaram por escolher e matar selectivamente os timorenses com um certo nivel de instrução, os quais poderiam ter algum ascendente sobre a população.

Pensam criar assim condições para o povo maubere aceitar a língua e as tradições indonésias, além de que é aberta uma politica de incentivos, sendo recompensados os mais colaborantes, os quais recebem um posto na Administração Pública e uns quilos de arroz, conforme o seu extrato social.

Quem não aceitou colaborar, todos os que eram suspeitos e mesmo para a grande maioria da população havia inúmeras formas de pressão, humilhações a brutalidade que poderiam levar à morte.

A FRETILIN tinha sofrido duros ataques. Com a rendição das populações que a tinham sobrecarregado durante os três anos que estiveram nas montanhas pôde reorganizar-se duma maneira mais adaptada às circunstâncias da luta.

Na esperança de pôr fim ao genocídio, o primeiro presidente da FRETILIN, Francisco Xavier do Amaral entregou-se aos indonésios. O segundo presidente, o comandante Nicolau Lobato morreu em combate, em 31/12/78.

Entre as populações que se renderam estavam alguns quadros da FRETILIN, o que permitia um melhor contacto entre a guerrilha e as populações, favorecendo o fornecimento de informações, armas e munições aos guerrelheiros, sendo as mesmas roubadas ou compradas aos próprios indonésios.

Após cinco anos de guerra cerca de 88% dos combatentes da FRETILIN continuavam a lutar. eram indivíduos bem treinados e organizados, com um bom conhecimento do terreno e uma combatividade superior aos indonésios, motivo porque estes procuravam evitar o combate directo.

As tropas indonésias estavam pouco motivadas, falava-se de rebeliões, deserções e mesmo de entrega de armas aos resistentes.

A partir desta altura os indonésios tentam aumentar a participação dos timorenses no esforço de guerra, comandados pelos antigos membros da FRETILIN que se renderam.

Os civis eram obrigados a acompanhar os soldados e levarem as bagagens. Em 1981 foram utilizados todos os rapazes e homens dos 12 aos 55 anos, desarmados, eram o escudo humano para proteger os soldados indonésios.

Após a descida das populações esfomeadas para os campos controlados, depois de todas as humilhações e maus tratos que aí sofreram, começou um movimento de regresso ao mato.

A terra foi completamente saqueada pelos militares indonésios, quando se deu a invasão. Levaram todo o conteúdo das casas. O sândalo, madeira preciosa duma árvore que leva 100 anos a crescer foi todo levado pelos ocupantes, incluindo as raízes.

Com os ataques da FRETILIN fica provado que as operações militares indonésias não dão o resultado esperado, em vista disto os militares indonésios decidem negociar.

Propõem aos lideres da guerrilha vantagens materiais: casa, carro, emprego em Timor ou em qualquer lugar. As negociações desenrolam-se nas zonas controladas pela resistência, em instalações provisórias montadas pela FRETILIN. Esta apresenta um plano de paz cujo fundamento é a autodeterminação do povo sob o controlo da ONU.

Como os militares indonésios não têm poderes para responder a estas exigências estabelecem um cessar fogo, esperando pela resposta do governo de JAKARTA. O tempo passa e este não comunica ao Secretário Geral da ONU o inicio das conversações com a FRETILIN.

O General B. Mundani, nomeado Comandante Chefe das Forças Armadas ameaça: só à duas soluções: rendição ou morte.

Depois disto surgem vários incidentes. O primeiro foi a morte pelos indonésios de três guerrelheiros da FRETILIN. Outro foi na aldeia de Cranas, no fim de uma festa os soldados indonésios violaram mulheres e raparigas. Os timorenses mataram os militares que foram envolvidos neste caso e os homens roubaram as armas do posto indonésio e fugiram para o mato.

A Indonésia retalia massacrando as mulheres e as crianças que ficarm na aldeia. Para desespero dos militares indonésios a FRETILIN surge nas suas costas e começa a atacar a retaguarda.

Começam a ser evidentes as divisões entre os militares indonésios, o exército considera esta guerra como: "a guerra dos serviços secretos".

Houve vários testemunhos de massacres, de torturas e maus tratos. Entre as formas de tortura mais referidas contam-se as queimaduras com ferro em brasa, com pontas de cigarros em todo o corpo, princilpalmente nos orgãos sexuais femininos, a electricidade, o afogamento, arrancar unhas, pôr os pés da mesa em cima dos dedos do pé e os soldados saltavam em cima da mesa.

Outras formas de violência mais subtis consistiam na obrigação de assistir às torturas ou à morte de seres amados e não poder manifestar a sua dor.

A fome constitui o principal problema das populações concentradas nas vilas e campos controlados pelos indonésias.

A situação varia de região para região mas em parte nenhuma a produção era suficiente para assegurar uma alimentação mínima durante todo o ano.

A produção agrícola permitia às famílias sobreviver de três a nove meses por ano. Durante o resto do ano a população tinha de recorrer a produtos selvagens: troncos de palmeiras, raízes e tubérculos .
O reagrupamento das populações e os limites à circulação reduziram as terras cultivadas, sendo as melhores confiscadas.

O gado utilizado na cultura do arroz foi morto ou roubado.

A população é obrigada a fornecer trabalho gratuito para o Estado ou para alguns privilegiados.

A população masculina dos 15 aos 55 anos é obrigada a participar nas operações militares. Na região de Dili as famílias eram obrigadas a entregar um terço da produção anual de milho para alimentação das forças paramilitares.

Em Fevereiro de 1977, Adam Malik, Ministro dos Negócios da Indonésia declara que mataram cerca de 60.000 a 80.000 pessoas e libertaram 600.000.
Apesar duma grande taxa de natalidade, a população sofreu uma grande baixa entre 1974 e 1980. O povo é obrigado a jurar fidelidade aos militares indonésios.

A integração de Timor Leste na Indonésia foi pedida por 28 pessoas, numa altura em que 70% a 80% da população estava nas montanhas.

Em 1975 -76 a invasão não poupou nada: igrejas, seminários e escolas foram bonbardeadas, incendiadas e devastadas. A pilhagem só terminou quando exumaram os mortos e lhes tiraram os objectos de valor que, conforme os costumes dos timorenses, os acompanhavam para a sepultura. Os bispos indonésios e o núncio em JAKARTA declararam que a igreja não tem nada a recear com a integração de Timor Leste na Indonésia.

As denúncias das violências indonésias e as intervenções do clero para defender os direitos do povo timorense aumentam. As pressões à Igreja foram aumentando cada vez mais, ao ponto do Padre Domingos Soares ser levado pelos indonésios, vindo depois a ser dado como desaparecido. Mas não contentes com intimidações e violências contra a Igreja, os indonésios tentam também virar os responsáveis da mesma contra a FRETILIN.

Os bispos indonésios escreveram uma carta ao clero da diocese de Dili na qual manifestaram a sua solidariedade para com a Igreja e o povo de Timor.

Depois de todas estas atrocidades Timor Leste acabou por cair no esquecimento durante três anos, ficando isolada do mundo exterior pelos seus ocupantes.

Em 1979 a Cruz Vermelha Internacional foi autorizada a entrar em Timor. O governo indonésio nomeia como governador um timorense, Mário Carrascalão, e obriga a população a participar nas eleições gerais indonésias, tendo como finalidade convencer a opinião internacional de que a situação tinha voltado à normalidade e que os timorenses podiam votar.

As condições em que se desenrolaram estas eleições foram estranhas: os timorenses foram obrigados a votar em partidos indonésios e para que ninguém se enganasse no partido em que deviam votar, fez-se uma grande campanha eleitoral a favor do partido governamental e fizeram-se ensaios da votação.

Na Assembleia Geral da ONU em 1982 receou-se uma votação favorável á Indonésia. Pela primeira vez desde a invasão, o governo português associa-se à apresentando uma moção sobre Timor.

A actividade diplomática desenvolvida nos últimos meses permitiu evitar o pior mas a margem é escassa e o representante da Indonésia vaticina a vitória na próxima Assembleia.

A Indonésia contava com os seus argumentos para obter novos apoios. Foi sob o pretexto de que a sua própria segurança estava ameaçada que a Indonésia invadiu Timor Leste.
Com o seu meio milhão de habitantes esta ilha nunca seria uma ameaça externa para os 150 milhões de habitantes da Indonésia.

O povo timorense só encontrará a paz quando for possivel escolher o seu futuro ao abrigo de quaisquer pressões, inclusive a FRETILIN afirmou que permitia que as suas tropas e as tropas indonésias fossem controladas pela ONU e mantidas afastadas das populações permitindo que elas se pronunciassem num acto de autodeterminação sob o controlo da ONU. Tal solução traria benefícios para ambas as partes e eliminaria os focos existentes nesta região do globo.

A sua luta continua com a certeza de que um dia os seus mais secretos anseios serão atingidos.

O futuro de Timor só será decidido quando a Indonésia for obrigada a desocupar esta ilha através de sanções impostas pelas Nações Unidas.É com esta perspectiva que o povo maubere continuará a sua luta.

Lisboa, 24 de Maio de 1993

Sebastiana de Carrazedo Saldanha

(Sebastiana de Carrazedo Saldanha)